

CORPO-ESCOLA: POR UMA FORMAÇÃO DOCENTE DE PONTA-CABEÇA

O presente trabalho deriva de uma pesquisa de mestrado finalizada em 2021, no Programa de Pós-graduação em Educação de uma universidade pública do Rio de Janeiro. Tinha como objetivo principal viabilizar e visibilizar processos formativos criados e vivenciados coletivamente em uma Unidade Escolar de Educação Infantil do referido município, por meio da organização de Seminários de Autoformação Docente; espaços-tempos de trocas, frestas que (re)significaram as práticas cotidianas e o próprio cotidiano. Tratou-se de uma Pesquisa-formação (Longarezi; Silva, 2013) e Narrativa Autobiográfica (Clandinin; Connelly, 2015), que tinha a Conversa (Ribeiro; Souza; Sampaio, 2018) como metodologia, tecida a partir de Rodas propostas, mas também das interlocuções fiadas nos momentos dos Seminários e no dia a dia de trabalho.

No presente resumo, apresentamos esta pesquisa a partir destas narrativas, que trazem e, ao mesmo tempo, borram contornos. Que desvendam corpos professorais fragmentados, desconectados, cansados, automatizados e, até anestesiados, que acabam por gerar um corpo docente, um corpo-escola que também se apresentava cindido, que diariamente era incentivado e até “obrigado” a se manter partido, como se cada “órgão” fosse capaz de cumprir uma função, sem interligação com os outros. Eram corpos-indivíduos e não corpos-constelações (Krenak, 2019); muitas vezes, tendo estes comportamentos reforçados pela gestão anterior da Creche, como pode ser percebido na narrativa de Margarida (julho/2020): “Um dia, estávamos reunidas eu e mais duas professoras, e a Diretora nos viu e logo falou: – Dispersando! Aqui não tem espaço para patotinha”.

Este fragmento nos faz indagar: qual é o lugar do coletivo na proposição e vivência da Educação? Que Educação é essa que compartimentaliza não só o conhecimento, como os corpos? Que corpo docente se constitui a partir de práticas e discursos que segregam e isolam? Rufino (2023) nos convida a revirmos a Educação de ponta cabeça, trilhando por outras vias, observando por outros prismas, intervindo por meio de outras epistemologias; nos convocando a contarmos e cantarmos histórias que não estão nos livros, a rompermos com a lógica dominante que insiste em povoar uma única história que contribui para o “[...] extermínio e a subalternização secular de princípios comunitários [...]” (Simas; Rufino, 2020, p. 11). Assim sendo, a convocação é para desmantelarmos essa orquestra que se perpetua em nossa sociedade e nos contextos educativos, fazendo uma Educação de ponta cabeça, que se movimenta, balanceia, que caça os vazios para encontrar o tempo certo de agir, intima o corpo para o jogo, pois entende que ele é “[...] também o meio que resguarda o saber comunitariamente tecido e compartilhado [...]” (Rufino, 2023, p. 64).

A Creche que abrigou esta pesquisa tem 16 anos de vida, situada em uma favela da Zona Sul do Rio de Janeiro. Sua história se funde com a história das profissionais que a habitaram/habitam, pois, seus corpos semearam e germinaram juntos, mesmo que nem sempre de forma coletiva. Antes mesmo do espaço ser inaugurado, um grupo de 14 profissionais foi designado a se apresentar na instituição e teve a incumbência de preparar esse corpo-escola para ser apresentado à comunidade. É importante salientar que, contrariando a legislação, o grupo era formado por Agentes Auxiliares de Creche, concurso com formação de Ensino Fundamental, que deveriam auxiliar às/aos docentes, uma vez que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB; 1996) determina que as/os professoras/es que atuam com as crianças devem possuir, no mínimo, formação em Ensino Médio Normal. No entanto, para suprir uma grande carência da Rede municipal, estas/estes profissionais

acabaram por assumir turmas, sem que tivessem a formação mínima para tal, nem o cargo compatível.

Aqui, mais uma discussão importante se apresenta: que tipo de conhecimento se espera construir na Educação Infantil? Se é “mero cuidado”, se o que está em jogo é um conhecimento construído pela via do corpo, dos sentidos, não precisa de uma/um profissional específico, como por muitos anos foi atribuído a essa etapa e a esses profissionais; se está na dimensão do corpo, daquilo que ele produz e de como ele produz, pode ser relegado a “qualquer pessoa”. Reforçamos que não intencionamos diminuir, nem menosprezar o trabalho de nenhuma/nenhum profissional, mas salientar ações que não estão em consonância com a legislação e que, infelizmente, não só acontecem, como povoam a realidade das instituições.

Durante um bom tempo, esta foi a configuração, até que as/os docentes foram chegando, este corpo-escola foi se modificando e novos embates foram sendo travados. As instituições realmente são organismos em que a vida pulsa e tal como um corpo, o problema em um dos órgãos afeta todo o funcionamento, trazendo desequilíbrios. Mas, também provocaram uma investigação em busca de reconexão. Para isso, a comunidade pedagógica (hooks, 2021) da Creche criou um espaço-tempo para escuta e compartilhamento de suas experiências, por meio dos Seminários de Autoformação Docente, que em roda, buscavam tecer diálogos com um corpo-escola que agora apresentava um ritmo mais compassado.

Aqui na Creche temos vários tempos. O tempo que não éramos comunicadas dos cursos, formações; o tempo que sabíamos, mas tínhamos tantas interferências, como a falta de pessoal, que não participávamos. Hoje temos um tempo para expor/trocar um pouco do que fazemos, porque como professoras, às vezes não sabemos o que as outras estão fazendo, vemos uma foto, um filme, mas não se vê como no Seminário, o todo, toda oportunidade do projeto que ela desenvolveu tudo o que ela precisou passar para chegar ali no momento. (Margarida, 07/07/2020)

Como fazer com que minhas práticas sejam conhecidas/debatidas e compartilhadas em lócus de forma interessante, agradável, sem julgamentos, mas como forma de gerar questionamentos e reflexões para desenvolver meu trabalho? (Cleonilda, 2019).

Os Seminários foram convites para olharmos em roda para o corpo-escola e ressignificarmos olhares, práticas; desentortando pensamentos (Munduruku, 2019) e, coletivamente cuidarmos das interações dos diferentes “órgãos” que compõem a escola, alimentando-os com trocas plurais que potencializam uma Educação que muda de eixo, que vira de ponta-cabeça; que atravessa diversos tempos em movimento, gingando, perguntando, criando mundos para escolas se constituírem corpos-coletivos.

Palavras-chave: Corpo; Formação Docente; Narrativa; Educação Infantil

Referências

BRASIL. LDB. Lei N°. 9.394, de 20 de novembro de 1996. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 20 agosto 2024.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. *Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa*. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2015.

HOOKS, Bell. *Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança*. São Paulo: Elefante, 2021.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

LONGAREZI, Andrea Maturano; SILVA, Jorge Luiz da. Pesquisa-Formação: um olhar para sua constituição conceitual e política. *Revista Contrapontos*, v. 13, n. 3, p. 214-225, set./dez., 2013.

MACEDO, Roberto. *Formação de professores, educação online e democratização do acesso às redes*. Congresso Virtual da Universidade Federal da Bahia. Canal TV UFBA no YouTube, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UD0KrPkHBiY&t=6s>.

MUNDURUKU, Daniel. *Das coisas que aprendi: ensaios sobre o bem-viver*. 2. ed. Lorena: DM projetos especiais, 2019.

RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmem Sanches. *Conversa como metodologia de pesquisa: Por que não?* Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

RUFINO, Luiz. *Ponta-cabeça: educação, jogo de corpo e outras mandingas*. Rio de Janeiro: Mórula, 2023.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. *Encantamento sobre política de vida*. Rio de Janeiro: Mórula, 2020.